


RELAÇÃO ENTRE MÍDIAS SOCIAIS E TRANSTORNOS ALIMENTARES NA ADOLESCÊNCIA

 <https://doi.org/10.56238/arev7n2-181>

Data de submissão: 14/01/2025

Data de publicação: 14/02/2025

Maria Mariana Cardoso Clemente

Mestranda em Hebiatria - Universidade de Pernambuco (UPE)

Universidade de Pernambuco (UPE)

E-mail: maria.marianacardoso@upe.br

ORCID: orcid.org/0009-0006-5582-8317

LATTES: lattes.cnpq.br/8687891630481272

Geórgia Freitas Rolim Martins

Mestranda em Hebiatria - Universidade de Pernambuco (UPE)

Universidade de Pernambuco (UPE)

E-mail: georgiarolim.martins@upe.br

ORCID: orcid.org/0000-0003-2275-5087

LATTES: lattes.cnpq.br/8649893829703455

Rui Gonçalves da Luz Neto

Mestre em Hebiatria pela Universidade de Pernambuco (UPE)

Universidade Católica de Pernambuco - PE

E-mail: rui.2022803085@unicap.br

ORCID: orcid.org/0000-0003-4780-296X

LATTES: lattes.cnpq.br/7566002056279058

RESUMO

A crescente influência das mídias sociais na vida dos adolescentes tem sido associada ao desenvolvimento de transtornos alimentares, tornando-se um tema relevante para a saúde pública. Este estudo teve como objetivo analisar a relação entre o uso de mídias sociais e o risco de transtornos alimentares na adolescência, considerando fatores como imagem corporal, comparação social e exposição a conteúdos relacionados à alimentação e estética. Trata-se de uma pesquisa descritiva de cunho narrativo e sistemático, baseada em revisão bibliográfica nas bases de dados PubMed, LILACS e Scopus. Os achados demonstram que as plataformas digitais, especialmente aquelas com forte visual, desempenham um papel significativo na internalização de padrões corporais irreais, intensificando a insatisfação corporal e incentivando comportamentos alimentares disfuncionais. Além disso, o engajamento em comunidades online que promovem ideais de magreza e dietas extremas pode contribuir para a perpetuação dos transtornos alimentares. Conclui-se que a alfabetização midiática surge como uma estratégia essencial para minimizar os impactos negativos das notícias sociais sobre a saúde mental e alimentar dos adolescentes, destacando a necessidade de intervenções preventivas e políticas públicas externas para esse problema.

Palavras-chave: Transtornos Alimentares. Mídias Sociais. Imagem Corporal. Adolescência. Alfabetização Midiática.

1 INTRODUÇÃO

Os transtornos alimentares (TA) são prevalentes em adolescentes do sexo feminino de países industrializados e ocupam o terceiro lugar entre as doenças crônicas. Sua patogênese é multifatorial, incluindo condições como depressão, ansiedade e insatisfação com a imagem corporal (Montoya, 2015). Os transtornos alimentares são caracterizados como perturbações psiquiátricas associadas a comportamentos alimentares disfuncionais e preocupações relacionadas à aparência corporal. Embora sejam mais prevalentes entre mulheres jovens, estudos recentes indicam um aumento mais rápido na ocorrência desses transtornos entre homens. A percepção da imagem corporal desempenha um papel significativo no desenvolvimento e na manutenção dos transtornos alimentares (LONERGAN et al, 2020).

A relação entre o uso da mídia, imagem corporal e o risco de transtornos alimentares tem sido objeto de estudo ao longo de várias décadas. Inicialmente, as revistas e a televisão foram as principais formas de mídia investigadas nesse contexto. No entanto, mais recentemente, com o advento da mídia online e, em particular, das mídias sociais, tem havido um aumento do interesse nessa área de pesquisa. As formas de mídia online, incluindo as redes sociais, apresentam características distintas que as tornam particularmente relevantes para a compreensão dos transtornos alimentares (WILKSCH et al, 2019).

As teorias socioculturais de insatisfação corporal e restrição alimentar afirmam que as pressões exercidas pela mídia, família e colegas contribuem para o desenvolvimento e manutenção da insatisfação corporal. À medida que os pesquisadores exploraram novas formas de mídia, como a Internet e as atividades online, incluindo o engajamento em mídias sociais como Facebook, Instagram, Snapchat e Pinterest, surgiram evidências de sua influência na imagem corporal e na restrição alimentar (SAUL e RODGERS, 2018).

Wilksch et al, (2019) evidenciou que o uso da mídia, especialmente a mídia social (SM), tem sido estudado em relação à imagem corporal e ao risco de transtornos alimentares em adolescentes, seus estudos indicaram que o uso de SM, em particular Instagram e Snapchat, é comum na faixa etária de 12 à 13 anos.

A relação entre as mídias sociais e as preocupações relacionadas ao corpo e à alimentação pode ser bidirecional e se reforçar mutuamente. Indivíduos que já apresentam preocupações relacionadas ao corpo e à alimentação são mais propensos a se envolverem em atividades online que enfatizam a aparência, e, por sua vez, o engajamento nessas atividades pode intensificar ainda mais essas preocupações. As relações bidirecionais entre as mídias sociais e as preocupações relacionadas ao corpo e à alimentação podem ser mais significativas do que as observadas na mídia tradicional, devido

à natureza personalizada do envolvimento com as mídias sociais e à maior oportunidade de interações entre pares, como comparações e conversas sobre aparência, que podem mediar a relação entre mídias sociais e insatisfação corporal (MCLEAN et al, 2015).

Uma preocupação relevante é o fato de que os adolescentes estão utilizando a Internet como sua principal fonte de informação em relação à saúde. Estudos comparativos entre sites pró-anorexia e sites pró-recuperação revelaram que os sites pró-anorexia são mais estruturados, abrangentes, visitados com maior frequência e mais numerosos em comparação aos sites de recuperação ou de profissionais (MULVEEN E HEPWORTH, 2006).

As ferramentas de SM mais utilizadas entre os adolescentes são aquelas com conteúdo rápido, que incluem imagens e vídeos ao invés de textos, o que os leva a um turbilhão de fotos e vídeos, com possibilidade de interação, que são escolhidos com base nas pesquisas do usuário, essa seleção é feita por um algoritmo (SAUL E RODGERS, 2018), ou seja, quanto mais conteúdo sobre alimentos e perda de peso estejam sendo buscados nessas plataformas, mais vídeos e fotos de influenciadores desses nichos aparecerão nas SM.

A partir dessa exposição é perceptível que os as mídias sociais podem induzir condições geradoras de transtornos alimentares, tendo o entendimento e a comprovação de que os adolescentes estão utilizando ferramentas de SM, e que esse uso pode ser prejudicial à sua saúde, esta pesquisa estruturou-se na seguinte pergunta condutora: Qual a relação entre as mídias sociais e os transtornos alimentares na adolescência?.

2 METODOLOGIA

Para responder à pergunta de pesquisa deste estudo realizou-se uma pesquisa descritiva de cunho narrativo e sistemático. A pesquisa foi conduzida nas bases de dados National Library of Medicine - PubMed , Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde - LILACS e Scopus.

A seleção dos estudos prejudica os critérios de inclusão de artigos revisados por pares, publicados em periódicos científicos indexados e que abordam a relação entre mídias sociais, imagem corporal e transtornos alimentares em adolescentes. Foram excluídos estudos que não apresentavam metodologia clara, artigos duplicados e publicações em idiomas diferentes do inglês, português ou espanhol.

A estratégia de busca incluiu os seguintes descritores controlados e não controlados: "eating transtornos" , "social media" , "body image" , "adolescents", combinados por operadores booleanos (AND e OR) para ampliar a sensibilidade da busca.

A análise dos estudos selecionados foi realizada com base nos princípios da revisão sistemática, garantindo a proteção padronizada dos dados e a categorização das evidências conforme sua relevância para a questão investigada (HIGGINS et al., 2022). Os dados extraídos foram organizados de forma qualitativa e apresentados conforme os principais achados relacionados ao impacto das notícias sociais na insatisfação corporal e no comportamento alimentar de adolescentes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 ADOLESCÊNCIA E IMAGEM CORPORAL

De acordo com a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência é reconhecida como um estágio de desenvolvimento humano que abrange o período entre 10 e 19 anos de idade. Esse intervalo de tempo é considerado crucial e requer atenção especial devido às transformações físicas, emocionais e sociais que ocorrem nessa fase da vida. No contexto brasileiro, a legislação do Estatuto da Criança e do Adolescente estabelece que a adolescência seja compreendida como a faixa etária que vai dos 12 aos 18 anos de idade (BRASIL, 2002).

A imagem corporal é caracterizada como a percepção, cognição e afetos de um indivíduo em relação à sua própria aparência física, conforme definido por Grogan (2016). Ela abrange tanto aspectos positivos quanto negativos, os quais estão correlacionados com estados psicológicos, como mencionado por Inchley et al. (2016). Os pensamentos e sentimentos negativos que uma pessoa possui em relação ao seu próprio corpo são descritos como insatisfação corporal (IC). Grogan (2016) relata que a insatisfação geralmente surge de discrepâncias entre a avaliação que uma pessoa faz de sua própria dimensão, forma, musculatura/tônus muscular e peso, e a sua idealização de corpo.

Durante o início da adolescência, observa-se um rápido aumento nas taxas de preocupação com a imagem corporal e ocorrência de distúrbios alimentares entre as meninas (ABEBE, LIEN e VON SOEST, 2012; WESTERBERG-JACOBSON, GHADERI e EDLUND, 2012). Estudos indicam que mais de 45% das adolescentes do sexo feminino relatam insatisfação corporal (WILLIAMS e CURRIE, 2000).

A elevada prevalência de insatisfação corporal desperta grande preocupação, uma vez que estudos têm demonstrado que essa insatisfação prevê, de forma prospectiva, o aumento da psicopatologia e a adoção de comportamentos prejudiciais à saúde (NEUMARK-SZTAINER et al., 2006). Além disso, a insatisfação corporal tem sido apontada como um dos dois principais preditores para o desenvolvimento de transtornos alimentares (STICE, MARTI E DURANT, 2011), o que ressalta ainda mais sua importância.

A fase inicial da adolescência é um período crítico de desenvolvimento para as adolescentes, no que se refere às suas preocupações com a imagem corporal. Isso ocorre devido às transformações físicas associadas à puberdade, que tendem a afastá-las do ideal de corpo andrógino e excessivamente magro propagado pela mídia (MCCABE, RICCIARDELLI e FINEMORE, 2002).

Adicionalmente, observa-se que as adolescentes apresentam uma maior vulnerabilidade às influências midiáticas em comparação aos seus colegas do sexo masculino, e estão mais propensas a se engajar em comparações sociais baseadas na aparência física. Esses dois fatores são considerados importantes fatores de risco para o desenvolvimento da insatisfação corporal (KNAUSS, PAXTON e ALSAKER, 2008; WARREN, SCHOEN e SHAFER, 2010).

3.2 MÍDIA E COMPORTAMENTO ALIMENTAR

Nos últimos anos, houve um aumento exponencial no uso da Internet, com 93% dos adolescentes agora tendo acesso à Internet em suas residências (MADDEN e ZICKUHR, 2011). Os jovens são os principais usuários de Internet e mídias sociais, sendo que até 89% dos jovens entre 18 e 29 anos utilizam plataformas de redes sociais, principalmente por meio de seus dispositivos móveis, como telefones celulares (RODGERS e MELIOLI, 2016).

Com o início da adolescência, observa-se um maior nível de autonomia e independência nas escolhas alimentares. No entanto, essa maior autonomia na tomada de decisões parece estar relacionada a um aumento de comportamentos alimentares inadequados, o que vai de encontro ao ideal desejado (NEUMARK-SZTAINER et al., 2011).

De acordo com Fisberg (2000, apud BERTIN et al., 2008, p. 436), esse comportamento alimentar está associado aos padrões observados no grupo etário ao qual pertencem. Isso inclui o consumo de alimentos com alto teor calórico e baixo valor nutricional, a falta de regularidade nas refeições, o início precoce do consumo de bebidas alcoólicas e a tendência a adotar restrições alimentares. Essas práticas podem contribuir para alterações no estado nutricional.

Dentro desse contexto, a compreensão do comportamento alimentar exige uma reflexão a respeito de um ato fundamental para a sobrevivência humana, o qual está intrinsecamente ligado a aspectos históricos e sociológicos. Isso inclui a consideração do sujeito que realiza a alimentação, bem como os contextos em que ocorre, como e por que se alimenta de determinada maneira e não de outra (KÖSTER, 2009).

As pesquisas disponíveis indicam o potencial das plataformas de mídia social para perpetuar um ideal irreal de magreza, por meio da divulgação de imagens e textos que exaltam e encorajam comportamentos alimentares desordenados. Além disso, são observados conselhos prejudiciais em

fóruns online, nos quais são discutidas estratégias para se tornar e manter a magreza, conhecidos como "thinspiration", "thinspo" e "pró-anorexia" (BORZEKOWSKI et al., 2010).

3.3 TRANSTORNOS ALIMENTARES E MÍDIAS SOCIAIS

Os transtornos alimentares, incluindo anorexia nervosa e bulimia nervosa, apresentam uma relevância significativa na saúde dos adolescentes do sexo feminino em países industrializados. Essas condições ocupam o terceiro lugar entre as doenças crônicas mais comuns nesse grupo populacional (FERNÁNDEZ, ENCINAS e ESCURSELL, 2005).

A patogênese dos transtornos alimentares (TAs) ainda não é completamente compreendida, uma vez que o seu desenvolvimento é influenciado por múltiplos fatores (MITCHISON e HAY, 2014). Entre os fatores associados estão a presença de depressão, ansiedade e insatisfação com a imagem corporal, sendo este último o fator mais comumente observado (PINHEIRO e GIUGLIANI, 2006). A insatisfação com a imagem corporal surge devido à discrepância entre a percepção atual/real do corpo e a imagem corporal ideal, que é influenciada pela internalização dos padrões culturais de corpo ideal amplamente divulgados pela mídia e normas sociais, como popularidade, moda, apelo sexual e aversão à gordura. Esses fatores contribuem para o desenvolvimento de uma visão distorcida e negativa do próprio corpo, podendo desencadear ou agravar os transtornos.

É importante destacar que fatores sociais, culturais e midiáticos desempenham um papel relevante nessa questão. As mídias sociais, em particular, têm se mostrado um ambiente propício para a disseminação de padrões de beleza irrealistas e pressões sociais relacionadas à aparência física. Esses fatores podem contribuir para o desenvolvimento e agravamento dos transtornos alimentares entre as adolescentes, ressaltando a necessidade de abordagens abrangentes para a prevenção e o tratamento dessas condições.

No final da década de 1990, a televisão era a principal mídia responsável por promover ideais de magreza entre os adolescentes (BECKER et al., 2002). Entretanto, a partir da década de 2000, houve um crescimento exponencial no uso da internet e surgiram novas formas interativas de tecnologia, em especial as mídias sociais (SM), que se tornaram uma poderosa influência na imagem corporal das adolescentes do sexo feminino (GROSS, 2004; TIGGEMANN e MILLER, 2010). Essa mudança de paradigma evidencia a importância de investigar os impactos das mídias sociais na construção da percepção corporal e no desenvolvimento de transtornos alimentares entre as jovens.

O uso das mídias sociais tem experimentado um aumento significativo entre adolescentes do sexo masculino e feminino nos últimos anos (Reid Chassiakos et al., 2016), e tem sido associado e previsto como um fator de preocupação com a imagem corporal (MCLEAN et al., 2015;

TIGGEMANN e SLATER, 2017), bem como de comportamentos desordenados relacionados à mudança corporal (DE VRIES et al., 2016; RODGERS e MELIOLI, 2016).

De acordo com o estudo conduzido por Stice et al. (1994), foi observado que quanto maior a influência da mídia na imagem corporal de estudantes avaliados, maior é a probabilidade de apresentarem um maior risco de desenvolver transtornos alimentares. Esses resultados corroboram achados de estudos anteriores que também indicam a relação entre a influência da mídia e o risco de transtornos alimentares.

Além disso, é importante destacar que a influência das mídias sociais pode levar os adolescentes a internalizar os ideais de corpo impostos pela sociedade como desejáveis, reconhecendo-os como padrões sociais a serem alcançados. A insatisfação com a imagem corporal ocorre quando os adolescentes percebem que não possuem o corpo ideal conforme propagado pelas mídias sociais (TIGGEMANN e PICKERING, 1996; FIELD et al., 1999).

Estudos recentes têm mostrado que as redes sociais, especialmente o Facebook, aumentam a exposição à aparência, o que está positivamente relacionado a mudanças na imagem corporal e, conseqüentemente, ao desenvolvimento de transtornos alimentares (MEIER e GRAY, 2014). Essa constatação ressalta a influência significativa das redes sociais na percepção do corpo e destaca a necessidade de uma compreensão mais aprofundada dos mecanismos pelos quais as mídias sociais afetam a imagem corporal e a saúde mental dos adolescentes.

Recentes descobertas revelam que o envolvimento em plataformas online que promovem atividades centradas em fotografia está associado a fatores de risco mais elevados para transtornos alimentares. Especificamente entre adolescentes do sexo feminino, aquelas que utilizam formas de internet e mídias sociais voltadas para a aparência tendem a apresentar os níveis mais elevados de fatores de risco para transtornos alimentares (TIGGEMANN e MILLER, 2010). Esses achados destacam a importância de compreender a influência específica das atividades online relacionadas à imagem corporal e o papel das mídias sociais na promoção de comportamentos de risco para transtornos alimentares entre as adolescentes.

Entre as adolescentes do sexo feminino, foi observado que o ato de tirar selfies e a preocupação com a apresentação cuidadosa de uma identidade online estão correlacionados com um maior risco de desenvolvimento de distúrbios alimentares (MCLEAN et al., 2015).

O envolvimento em atividades relacionadas à fotografia na Internet parece estar particularmente associado ao risco de transtornos alimentares. Embora os mecanismos subjacentes a essa associação ainda demandem investigação mais aprofundada, é provável que as comparações de aparência desempenhem um papel significativo. Essa suposição é respaldada por estudos que

identificam a comparação de aparência como um fator mediador nas relações entre a exposição ao Facebook e as preocupações com a imagem corporal (FARDOULY et al., 2015). Portanto, é essencial realizar estudos adicionais para compreender melhor como as atividades relacionadas à fotografia na Internet podem influenciar negativamente a imagem corporal e aumentar o risco de transtornos alimentares entre as adolescentes.

Saul e Rodgers (2018) afirmam que as mídias online, incluindo as mídias sociais, possuem características que as tornam relevantes para os transtornos alimentares. Primeiramente, a natureza altamente visual das mídias online, com predominância de imagens em vez de texto, contribui para a saturação de conteúdo relacionado à aparência. Além disso, os jovens podem utilizar plataformas de mídia social orientadas para imagens, onde são incentivados a gastar tempo selecionando suas próprias imagens e examinando as de seus colegas ou celebridades. Em segundo lugar, as mídias online têm a capacidade de se adaptar aos interesses individuais, baseando-se em conteúdos anteriores, como anúncios direcionados e históricos de pesquisa, criando um ambiente online cada vez mais personalizado à medida que se passa mais tempo online. Em terceiro lugar, a natureza interativa do mundo online, especialmente das mídias sociais, combina elementos da influência da mídia tradicional relacionada a transtornos alimentares com influências interpessoais, como relacionamentos com colegas e provocações. Assim, as mídias online oferecem uma combinação de influências que contribuem para a relevância delas nos transtornos alimentares.

Uma das formas em que a Internet desempenha um papel relevante nos transtornos alimentares é por meio da conexão de pessoas com crenças minoritárias. Isso se manifesta, por exemplo, no conteúdo pró-transtorno alimentar e nas comunidades que utilizam a Internet como meio de expressar a convicção de que os transtornos alimentares são uma escolha de estilo de vida, em contraposição a uma condição de saúde mental, e buscam apoiar os indivíduos na manutenção e, frequentemente, na ocultação de seu distúrbio alimentar (RODGERS, SKOWRON e CHABROL, 2012).

Pessoas afetadas por transtornos alimentares frequentemente experimentam uma falta de apoio social em seu ambiente interpessoal, além de relatarem sentimentos de vergonha e estigma associados a essa condição (SIMPSON E MAZZEO, 2017; STEWART et al., 2008). Nesse contexto, a Internet proporciona um ambiente seguro no qual seus comportamentos e atitudes são acolhidos sem julgamentos, permitindo que encontrem outras pessoas que compartilham experiências semelhantes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização midiática se apresenta como uma abordagem relevante no contexto em que os participantes são incentivados a refletir sobre aspectos como a utilidade de fazer comparações entre si

mesmos e as imagens veiculadas na mídia, a probabilidade de manipulação das imagens, o grau de internalização das mensagens transmitidas, a intenção do produtor da mídia em influenciar as percepções dos outros e o engajamento em ativismo de acordo com a sua própria identificação (WILKSCH et al., 2015; WILKSCH & WADE, 2009). Nesse sentido, a alfabetização midiática proporciona aos indivíduos a capacidade de fazer uma análise crítica das mensagens midiáticas, questionando sua veracidade, intenções e impactos psicossociais. Além disso, ela encoraja os participantes a adotarem posturas ativas, como a escolha de não seguir contas consideradas inúteis, buscando assim um consumo consciente e uma participação mais engajada na esfera midiática.

É possível identificar em literaturas mais recentes que a alfabetização midiática tem um papel imprescindível e é abordado como melhoria para o cenário da influência das mídias sociais no desenvolvimento de transtornos alimentares em adolescentes. Lopes e Trajano (2021) reiteram que a alfabetização midiática desempenha um papel importante na prevenção dos riscos associados ao desenvolvimento de transtornos alimentares. No entanto, é necessário considerar que sua eficácia é limitada devido à falta de educação e maturidade dos indivíduos em relação ao consumo de conteúdo. Concomitantemente Lopes e Rodrigues Junior (2022) e Silva, Castro e Reis (2022), destacam que a alfabetização midiática se configura como um instrumento eficaz para promover a autonomia dos jovens no consumo de conteúdo, visando um uso mais consciente e minimizando os impactos na alimentação e na percepção das mudanças corporais.

Em suma, podemos considerar a alfabetização midiática como uma alternativa válida para evitar e prevenir o desenvolvimento de transtornos alimentares em adolescente, a prática não será facilitada, principalmente pelo período transicional em que este se encontra, porém os benefícios da aplicação desta técnica deixarão os adolescentes menos suscetíveis às influências negativas da mídia e consequentemente a adoção de comportamentos prejudiciais relacionados à alimentação poderão diminuir.

REFERÊNCIAS

- ABEBE, D. S.; Lien, L.; Von Soest, T. The Development Of Bulimic Symptoms From Adolescence To Young Adulthood In Females And Males: A Population-Based Longitudinal Cohort Study. *International Journal Of Eating Disorders*, V. 45, N. 6, P. 737–745, 2012.
- BECKER, A. E.; BURWELL, R. A.; HERZOG, D. B.; HAMBURG, P.; GILMAN, S. E. Eating behaviours and attitudes following prolonged exposure to television among ethnic Fijian adolescent girls. *The British Journal of Psychiatry*, v. 180, n. 6, p. 509–514, jun. 2002. <https://doi.org/10.1192/bjp.180.6.509>.
- BERTIN, R. L., Karkle, E. N. L., Ulbrich, A. Z., Stabelini Neto, A., Bozza, R., Araujo, I. Q., & Campos, W. (2008). Estado Nutricional E Consumo Alimentar De Adolescentes Da Rede Pública De Ensino Da Cidade De São Mateus Do Sul, Paraná, Brasil. *Revista Brasileira De Saúde Materno Infantil*, 8(4), 435-443. [Http://Dx.Doi.Org/10.1590/S1519-38292008000400009](http://dx.doi.org/10.1590/S1519-38292008000400009).
- BORZEKOWSKI, D. L. G. et al. e-Ana and e-Mia: A Content Analysis of Pro-Eating Disorder Web Sites. *American Journal of Public Health*, v. 100, n. 8, p. 1526–1534, ago. 2010.
- BRASIL. (2002, 16 De Julho). Lei Nº 8069, De 13 De Julho De 1990. Dispõe Sobre O Estatuto Da Criança E Do Adolescente E Dá Outras Providências. *Diário Oficial [Da] República Federativa Do Brasil*, Brasília, Seção 1.
- DE VRIES, D. A.; PETER, J.; DE GRAAF, H.; NIKKEN, P. Adolescents' Social Network Site Use, Peer Appearance-Related Feedback, and Body Dissatisfaction: Testing a Mediation Model. *Journal of Youth and Adolescence*, v. 45, n. 1, p. 211–224, jan. 2016. <https://doi.org/10.1007/s10964-015-0266-4>.
- FERNÁNDEZ, M. Á. P.; ENCINAS, F. J. L.; ESCURSELL, R. M. R. Prevalencia de los trastornos de la conducta alimentaria: consideraciones metodológicas. *Int J Psychol Physiol Ther*
- FIELD, A. E.; CAMARGO, C. A.; TAYLOR, C. B.; BERKEY, C. S.; COLDITZ, G. A. Relation of peer and media influences to the development of purging behaviors among preadolescent and adolescent girls. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, v. 153, n. 11, p. 1184–1189, nov. 1999. <https://doi.org/10.1001/archpedi.153.11.1184>.
- GROGAN, S. *Body Image: Understanding Body Dissatisfaction In Men, Women And Children*. 3. Ed. London: Routledge, 2016. <<https://doi.org/10.4324/9781315681528>>.
- GROSS, E. F. Adolescent Internet use: What we expect, what teens report. *Journal of Applied Developmental Psychology*, v. 25, n. 6, p. 633-649, nov. 2004. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2004.09.005>.
- HIGGINS JPT, Thomas J, Chandler J, Cumpston M, Li T, Page MJ, Welch VA (editores). *Cochrane Handbook for Systematic Reviews of Interventions* versão 6.5 (atualizado em agosto de 2024). Cochrane, 2024. Disponível em www.training.cochrane.org/handbook.

INCHLEY, J., Currie, D., Young, T., Samdal, O., Torsheim, T., Augustson, L., ... Barnekow, V. (Eds.), *Health Behaviour In School-Aged Children Survey: International Report From The 2013/2014 Survey*, (2016). World Health Organization. Regional Office Of Europe.

KNAUSS, C., Paxton, S.J. & Alsaker, F.D. Body Dissatisfaction In Adolescent Boys And Girls: Objectified Body Consciousness, Internalization Of The Media Body Ideal And Perceived Pressure From Media. *Sex Roles* 59, 633–643 (2008). <<https://doi.org/10.1007/S11199-008-9474-7>>.

KÖSTER, E. P. (2009). Diversity in the determinants of food choice: a psychological perspective. *Food Quality and Preference*, 20(2), 70-82. <http://dx.doi.org/10.1016/j.foodqual.2007.11.002>.

LONERGAN, Ar, Et Al. Proteja-Me Da Minha Selfie: Examinando A Associação Entre Comportamentos De Mídia Social Baseados Em Fotos E Transtornos Alimentares Auto-Relatados Na Adolescência. *Jornal Internacional De Distúrbios Alimentares*, 2020. Disponível Em: <<https://scihub.se/10.1002/Eat.23256>>.

LOPES, Cintia Matos; Rodrigues Junior, Omero Martins. A Influência Da Mídia No Comportamento Alimentar Entre Os Adolescentes: Transtornos Alimentares Anorexia Nervosa E A Bulimia Nervosa. *Research, Society And Development*, [S.L.], V. 11, N. 13, P. 404111335648, 9 Out. 2022. *Research, Society And Development*. <<http://dx.doi.org/10.33448/RSD-V11i13.35648>>.

LOPES, Paula Alvim; Trajano, Larissa Alessandra Da Silva Neto. Influência Da Mídia Nos Transtornos Alimentares Em Adolescentes: Revisão De Literatura. *Research, Society And Development*, [S.L.], V. 10, N. 1, P. 20910111649, 8 Jan. 2021. *Research, Society And Development*. <<http://dx.doi.org/10.33448/RSD-V10i1.11649>>.

MADDEN, M.; Zickuhr, K. 65% Of Online Adults Use Social Networking Sites. 26 Ago. 2011. Pew Research Center: Internet, Science & Tech. Disponível Em: <https://www.pewresearch.org/internet/2011/08/26/65-of-online-adults-use-social-networking-sites/>. Acesso Em: 14 Jun. 2023.

MCCABE, M. P.; Ricciardelli, L. A.; Finemore, J. The Role Of Puberty, Media And Popularity With Peers On Strategies To Increase Weight, Decrease Weight And Increase Muscle Tone Among Adolescent Boys And Girls. *Journal Of Psychosomatic Research*, V. 52, N. 3, P. 145–153, 1 Mar. 2002. <[https://doi.org/10.1016/S0022-3999\(01\)00272-0](https://doi.org/10.1016/S0022-3999(01)00272-0)>.

MCLEAN, S. A.; PAXTON, S. J.; WERTHEIM, E. H.; MASTERS, J. Photoshopping the selfie: Self photo editing and photo investment are associated with body dissatisfaction in adolescent girls. *The International Journal of Eating Disorders*, v. 48, n. 8, p. 1132–1140, dez. 2015. <https://doi.org/10.1002/eat.22449>.

MEIER, E. P.; GRAY, J. Facebook photo activity associated with body image disturbance in adolescent girls. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking*, v. 17, n. 4, p. 199–206, abr. 2014. <https://doi.org/10.1089/cyber.2013.0305>.

MITCHISON, D.; HAY, P. J. The epidemiology of eating disorders: genetic, environmental, and societal factors. *Clinical Epidemiology*, v. 6, p. 89-97, 17 fev. 2014. <https://doi.org/10.2147/CLEP.S40841>.

MONTOYA, N. Influência Dos Meios De Comunicação E Do Ritmo De Padecer Transtornos Da Conduta Alimentar Em Escolares Mujeres Em Lima, Perú, 2015. Disponível em: <<https://Sci-Hub.Se/10.5546/Aap.2015.519>>.

MULVEEN, R.; Hepworth, J. An Interpretative Phenomenological Analysis Of Participation In A Pro-Anorexia Internet Site And Its Relationship With Disordered Eating. *Journal Of Health Psychology*, V. 11, N. 2, P. 283–296, Mar. 2006. <<https://doi.org/10.1177/1359105306061187>>.

NEUMARK-SZTAINER, D., Wall, M., Larson, N. I., Eisenberg, M. E., & Loth, K. (2011). Dieting And Disordered Eating Behaviors From Adolescence To Young Adulthood: Findings From A 10-Year Longitudinal Study. *Journal Of The American Dietetic Association*, 111(7), 1004-1011. Pmid:21703378. <http://dx.doi.org/10.1016/J.Jada.2011.04.012>.

NEUMARK-SZTAINER, D.; Paxton, S. J.; Hannan, P. J.; Haines, J.; Story, M. Does Body Satisfaction Matter? Five-Year Longitudinal Associations Between Body Satisfaction And Health Behaviors In Adolescent Females And Males. *Journal Of Adolescent Health*, V. 39, N. 2, P. 244–251, 1 Ago. 2006. <<https://doi.org/10.1016/J.Jadohealth.2005.12.001>>

PINHEIRO, A. P.; GIUGLIANI, E. R. J. Body dissatisfaction in Brazilian schoolchildren: prevalence and associated factors. *Revista de Saúde Pública*, v. 40, n. 3, p. 489–496, jun. 2006. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102006000300018>.

REID CHASSIAKOS, Y. L.; RADESKY, J.; CHRISTAKIS, D.; MORENO, M. A.; CROSS, C.; COUNCIL ON COMMUNICATIONS AND MEDIA. Children and Adolescents and Digital Media. *Pediatrics*, v. 138, n. 5, p. e20162593, nov. 2016. <https://doi.org/10.1542/peds.2016-2593>.

RODGERS, R. F.; Melioli, T. The Relationship Between Body Image Concerns, Eating Disorders And Internet Use, Part I: A Review Of Empirical Support. *Adolescent Research Review*, V. 1, N. 2, P. 95–119, 1 Jun. 2016. <<https://doi.org/10.1007/S40894-015-0016-6>>.

RODGERS, R. F.; Skowron, S.; Chabrol, H. Disordered Eating And Group Membership Among Members Of A Pro-Anorexic Online Community. *European Eating Disorders Review: The Journal Of The Eating Disorders Association*, V. 20, N. 1, P. 9–12, Jan. 2012. <<https://doi.org/10.1002/Erv.1096>>.

SAUL, J. S.; Rodgers, R. F. Adolescent Eating Disorder Risk And The Online World. *Child And Adolescent Psychiatric Clinics Of North America*, V. 27, N. 2, P. 221–228, Abr. 2018. <https://doi.org/10.1016/J.Chc.2017.11.011>.

SILVA, Ana Luisa Rosa Da; Castro, Bruna Mariana Lopes Frota Cardoso; Reis, Gabriela Normanha. O Impacto Das Mídias Sociais Sobre A Insatisfação Corporal E O Risco De Transtornos Alimentares Em Adolescentes: Uma Revisão De Literatura. 2022. 16 F. TCC (Graduação) - Curso De Psicologia, UNIFG, Guanambi, 2022. Disponível em: <https://Repositorio.Animaeducacao.Com.Br/Handle/Anima/22988>. Acesso Em: 20 Jun. 2023.

SIMPSON, C. C.; Mazzeo, S. E. Calorie Counting And Fitness Tracking Technology: Associations With Eating Disorder Symptomatology. *Eating Behaviors*, V. 26, P. 89–92, Ago. 2017. <https://doi.org/10.1016/J.Eatbeh.2017.02.002>.

STEWART, M.-C.; Schiavo, R. S.; Herzog, D. B.; Franko, D. L. Stereotypes, Prejudice And Discrimination Of Women With Anorexia Nervosa. *European Eating Disorders Review*, V. 16, N. 4, P. 311–318, 2008. <https://doi.org/10.1002/Erv.849>.

STICE, E.; Marti, C. N.; Durant, S. Risk Factors For Onset Of Eating Disorders: Evidence Of Multiple Risk Pathways From An 8-Year Prospective Study. *Behaviour Research And Therapy*, V. 49, N. 10, P. 622–627, 1 Out. 2011. <<https://doi.org/10.1016/J.Brat.2011.06.009>>.

STICE, E.; SCHUPAK-NEUBERG, E.; SHAW, H. E.; STEIN, R. I. Relation of media exposure to eating disorder symptomatology: an examination of mediating mechanisms. *Journal of Abnormal Psychology*, v. 103, n. 4, p. 836–840, nov. 1994. <https://doi.org/10.1037//0021-843x.103.4.836>.

TIGGEMANN, M.; MILLER, J. The Internet and adolescent girls' weight satisfaction and drive for thinness. *Sex Roles: A Journal of Research*, Germany, v. 63, p. 79–90, 2010. <https://doi.org/10.1007/s11199-010-9789-z>.

TIGGEMANN, M.; PICKERING, A. S. Role of television in adolescent women's body dissatisfaction and drive for thinness. *The International Journal of Eating Disorders*, v. 20, n. 2, p. 199–203, set. 1996. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1098-108X\(199609\)20:2<199::AID-EAT11>3.0.CO;2-Z](https://doi.org/10.1002/(SICI)1098-108X(199609)20:2<199::AID-EAT11>3.0.CO;2-Z).

TIGGEMANN, M.; SLATER, A. Facebook and body image concern in adolescent girls: A prospective study. *International Journal of Eating Disorders*, v. 50, n. 1, p. 80–83, jan. 2017. <https://doi.org/10.1002/eat.22640>.

WARREN, C. S.; Schoen, A.; Schafer, K. J. Media Internalization And Social Comparison As Predictors Of Eating Pathology Among Latino Adolescents: The Moderating Effect Of Gender And Generational Status. *Sex Roles*, V. 63, N. 9, P. 712–724, 1 Nov. 2010. <https://doi.org/10.1007/S11199-010-9876-1>.

WESTERBERG-JACOBSON, J.; Ghaderi, A.; Edlund, B. A Longitudinal Study Of Motives For Wishing To Be Thinner And Weight-Control Practices In 7- To 18-Year-Old Swedish Girls. *European Eating Disorders Review*, V. 20, N. 4, P. 294–302, 2012. <<https://doi.org/10.1002/Erv.1145>>.

WILKSCH Et Al. A Relação Entre O Uso De Mídias Sociais E Transtornos Alimentares Em Adolescentes Jovens. *Jornal Internacional De Distúrbios Alimentares*. 2019 Disponível Em: <<https://sci-hub.se/10.1002/Eat.23198>>.

WILLIAMS, J. M., & Currie, C. (2000). Self-Esteem And Physical Development In Early Adolescence:: Pubertal Timing And Body Image. *The Journal Of Early Adolescence*, 20(2), 129–149. <<https://doi.org/10.1177/0272431600020002002>>